

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**IGOR DUARTE**

**ANÁLISE EM TEMPO REAL DE DOIS CONTEXTOS LINGUÍSTICOS DE  
PALATALIZAÇÃO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE (RS)**

**PORTO ALEGRE**

**2019**

IGOR DUARTE

**ANÁLISE EM TEMPO REAL DE DOIS CONTEXTOS LINGUÍSTICOS DE  
PALATALIZAÇÃO NA CIDADE DE PORTO ALEGRE (RS)**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial para a conclusão do  
curso de Licenciatura em Letras.

Profa. Dra. Elisa Battisti  
Orientadora

PORTO ALEGRE

2019

### CIP - Catalogação na Publicação

Duarte, Igor  
ANÁLISE EM TEMPO REAL DE DOIS CONTEXTOS  
LINGUÍSTICOS DE PALATALIZAÇÃO NA CIDADE DE PORTO  
ALEGRE (RS) / Igor Duarte. -- 2019.  
40 f.  
Orientadora: Elisa Battisti.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Letras, Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa e  
Literaturas de Língua Portuguesa, Porto Alegre, BR-RS,  
2019.

1. Variação linguística. 2. Sociolinguística. 3.  
Labov. 4. Palatalização. 5. Porto Alegre. I. Battisti,  
Elisa, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Fátima, por desde sempre me nutrir com coragem, esperança e amor, por me incentivar a nunca desistir dos meus sonhos e por sempre me dar apoio incondicional em todos os sentidos.

À minha avó, Maria Joana, em memória, por ser a fonte do amor mais puro que eu já conheci. Aos demais familiares, por transmitirem esse amor.

Ao meu namorado, Ismael, por percorrer já há 5 anos o mesmo caminho que eu, por me inspirar, apoiar e incentivar; por nos momentos difíceis dizer que tudo ia ficar bem e, nos felizes, compartilhar a felicidade comigo. Obrigado por ser o meu parceiro de vida.

À minha orientadora, Elisa Battisti, que eu admiro profundamente e que desde 2016 me guia pelos estudos em Sociolinguística. Obrigado pelo incentivo, carinho e atenção dedicados a mim e a este trabalho.

À professora Regina Zilberman por despertar em mim a criatividade que eu não conhecia e, assim, contribuir para minha formação enquanto professor.

Ao Lucas, que me acompanhou na trajetória acadêmica desde o curso pré-vestibular, obrigado pelo apoio durante a graduação, que se tornou mais leve e mais feliz com as tuas boas risadas. Agradeço também à Joanne, à Júlia e à Juliana, por compartilharem esse caminho.

Ao David, pelo carinho e pela amizade ao longo do curso e por compartilhar comigo a sala de aula em todos os estágios curriculares. Obrigado, poeta-professor.

À Bárbara, por ser a professora que foi para mim durante o curso pré-vestibular. Por me incentivar a escrever e acreditar que eu conseguiria.

Agradeço aos informantes do VARSUL e do LínguaPOA por participarem das nossas pesquisas e, assim, contribuírem para o desenvolvimento da ciência brasileira.

Agradeço ao CNPq, à CAPES e à FAPERGS pela contribuição financeira ao longo do meu percurso acadêmico, apoio sem o qual tudo seria mais difícil. Obrigado por incentivarem a educação nacional de qualidade no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Com vocês, tenho certeza que o trajeto foi bem percorrido.

## RESUMO

Este trabalho faz uma análise em tempo real (LABOV, 1994) do processo de palatalização regressiva das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal /i/ não derivada (*time*::[tʃi]me, *diário*::[dʒi]ário) e da vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona (*teatro*::[tʃi]atro, *cadeado*::ca[dʒi]ado) na cidade de Porto Alegre. Para tanto, foram pesquisadas 12 entrevistas sociolinguísticas do projeto VARSUL realizadas nos anos 1990 e 12 entrevistas sociolinguísticas do projeto LínguaPOA realizadas no ano de 2016, sendo os informantes dos dois projetos moradores da capital. Os pressupostos teóricos e metodológicos são embasados pela Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 2008 [1972]). Através dos resultados das análises estatísticas é possível concluir que a aplicação da palatalização das oclusivas alveolares diante da vogal /i/ não derivada é categórica no português falado em Porto Alegre e é desencadeado preferencialmente por mulheres e pessoas mais jovens. Em relação a palatalização das oclusivas diante da vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona, a posição final apresenta altos índices de proporção de palatalização, contudo, trata-se apenas de uma análise preliminar que deve ser melhor investigada em estudos futuros.

Palavras-chave: variação linguística; palatalização; Porto Alegre.

## ABSTRACT

This paper is a real-time analysis (LABOV, 1994) of the process of regressive palatalization of dental stops /t/ and /d/ before the non derived vowel /i/ (*time::[tʃi]me*, *diário::[dʒi]ário*) and derived vowel [i] from /e/ in unstressed syllable (*teatro::[tʃi]atro*, *cadeado::ca[dʒi]ado*) in Porto Alegre. Speech data were extracted from 12 sociolinguistic interviews from the VARSUL project dated from the 1990's and from 12 sociolinguistic interviews from LínguaPOA project dated from 2016. All the informants were living in Porto Alegre at the time of the interview. The theoretical and methodological assumptions are based on the Variationist Theory (LABOV, 2008 [1972]). Through the results of the statistical analysis it is possible to conclude that the application of the palatalization of dental stops before the vowel /i/ not derived from /e/ achieved the status of categorical realization in Portuguese spoken in Porto Alegre and its realization is preferentially produced by women and young people. Concerning the palatalization of dental stops before the vowel [i] derived from /e/ in unstressed syllable, the final position presents high proportion of palatalization. However, this study consists of a preliminary analysis that should be better investigated on future studies.

Keywords: linguistic variation; palatalization; Porto Alegre.

## LISTA DE ABREVIACOES

PB	Português brasileiro
WLH	Weinreich, Labov e Herzog
BDSer	Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha
RCI-RS	Região Colonial Italiana do Rio Grande do Sul
VAR SUL	Variacão Linguística na Região Sul do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFPR	Universidade Federal do Paraná

## LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS, QUADROS E TABELAS

Figura 1 – Representação da distribuição complementar das oclusivas alveolares /t/ e /d/ quando seguidas pela vogal alta /i/.	17
Quadro 1 – Variáveis independentes controladas no contexto de /ti, di/	26
Quadro 2 – Variáveis independentes controladas no contexto de /te, de/	29
Gráfico 1 – Frequência total de aplicação da regra. Dados VARSUL.	30
Gráfico 2 – Aplicação da palatalização pela variável Gênero. Dados VARSUL.	31
Gráfico 3 – Aplicação da palatalização pela variável Faixa Etária. Dados VARSUL.	32
Gráfico 4 – Fatores selecionados como significativos em relação à variável Contexto Fonológico Seguinte. Dados VARSUL.	33
Gráfico 5 – Fatores selecionados como significativos em relação à variável Contexto Fonológico Precedente. Dados VARSUL.	33
Gráfico 6 – Proporção total de aplicação pelo VARSUL e LínguaPOA.	34
Tabela 1 – Tabulação cruzada entre as variáveis Gênero e Faixa Etária. Dados VARSUL.	35



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	9
<b>2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA</b>	11
2.1 Pressupostos teóricos	11
2.2 Regras variáveis e fatores linguísticos e sociais	12
2.3 Comunidade de fala	14
2.4 Análise em tempo aparente	15
2.5 Análise em tempo real	15
<b>3 A PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ EM PORTUGUÊS BRASILEIRO</b>	17
3.1 Caracterização fonológica da palatalização no PB	17
3.2 Estudos sobre a palatalização das oclusivas alveolares	18
<b>4 METODOLOGIA</b>	22
4.1 As entrevistas sociolinguísticas	22
4.2 Seleção de informantes	23
4.3 Método de análise	23
4.4 Variáveis controladas	24
4.4.1 Variável Dependente 1	24
4.4.2 Variáveis Independentes	24
4.4.2.1 Variáveis linguísticas	24
4.4.2.2 Variáveis extralinguísticas	26
4.4.3 Variável Dependente 2	27
4.4.4 Variáveis Independentes	27
4.4.4.1 Variáveis Linguísticas	27
4.4.4.2 Variáveis Extralinguísticas	28
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	30
5.1 Resultados sobre a Variável Dependente 1	30
5.2 Resultados sobre a Variável Dependente 2	34
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	37
<b>7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	38

## 1 INTRODUÇÃO

O português falado no Brasil, assim como as demais línguas do mundo, é um conjunto de variedades, cada qual com traços característicos.

No Rio Grande do Sul, por exemplo, devido ao aumento do fluxo de imigração europeia entre 1851 e 1895 por conta de políticas estatais de incentivo (AHLERT e GEDOZ, 2001) e a formação das primeiras colônias alemãs e italianas, é perceptível ainda nos dias de hoje a pronúncia variada de certos traços fônicos oriundos do contato entre o português e as línguas de imigração. Em cidades do interior do estado, onde a imigração europeia foi mais intensa, é possível encontrar a pronúncia de *toma[t]e* ao invés de *toma[tʃ]i* com alguma frequência, essa última, segundo Battisti e Guzzo (2010), mais aplicada pelos informantes de Porto Alegre

Depreender esse contraste entre as variações da língua falada no interior do estado do Rio Grande do Sul e na metrópole é também afirmar que essas comunidades são diferentemente constituídas. Mas o que faz a cidade de Porto Alegre ter um padrão de variação linguística distinto? O que faz com que o *típico porto-alegrense* dê *bom [dʒ]ia* ao invés de *bom [d]ia* para o porteiro do seu prédio e ao chegar em uma lancheria peça um *café com lei[tʃ]i* a um *café com lei[t]e*? Essas perguntas resumem a motivação inicial deste estudo.

À luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (1972), investigamos a palatalização regressiva<sup>1</sup> das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior não derivada /i/ (*time::[tʃ]me*, *diário::[dʒi]ário*) e diante da vogal alta [i] derivada da vogal /e/ (*teatro::[tʃ]atro*, *cadeado::ca[dʒi]ado*) no português falado em Porto Alegre, buscando respostas para as duas questões norteadoras da pesquisa: o fenômeno de variação e mudança linguística da palatalização das oclusivas alveolares teve progressão em Porto Alegre no período de 20 anos? O processo tem as mesmas proporções de aplicação no contexto de vogal /i/ não derivada de /e/ e no de [i] derivado de /e/ átono?

Neste trabalho, damos os primeiros passos na busca por respostas a essas perguntas com análise em tempo real, comparando conjuntos de dados obtidos em dois períodos de tempo. Além disso, separam-se contextos de vogal alta não derivada e contextos de vogal alta derivada.

---

<sup>1</sup> O processo de assimilação envolvendo as consoantes /t, d/ pode seguir duas direções: da direita para a esquerda, como em *mente* e *leite*, denominada palatalização regressiva, e; da esquerda para a direita, como em *gosto* e *muito*, denominada de palatalização progressiva.

Estudos realizados anteriormente na capital gaúcha (BISOL, 1986, 1991; KAMIANECKY, 2002; ABAURRE e PAGOTTO, 2002) efetuaram análise em tempo aparente e agruparam contextos de vogal não derivada a contextos de vogal derivada, o que implica a interação da palatalização com o processo de redução vocálica.

Os contextos selecionados para a nossa investigação foram extraídos de dois bancos de entrevistas sociolinguísticas, sendo eles o projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL) (UFRGS, PUCRS, UFSC e UFPR), com dados provenientes de entrevistas realizadas no início dos anos 1990, e o projeto LínguaPOA (UFRGS), com dados extraídos de entrevistas realizadas no ano de 2016. De cada um desses, são levantados dados de 12 entrevistas compatíveis em termos de estratificação, distribuídas em Gênero (feminino e masculino) e Faixa Etária (20 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 ou mais anos). Posteriormente, os dados são submetidos à análise estatística quantitativa no RBrul (JOHNSON, 2017), uma versão do programa computacional R (R Core Team, 2018).

Além desta Introdução, o presente trabalho contém um segundo capítulo, Teoria da Variação e Mudança, que apresenta os fundamentos para estudos variacionistas. Aborda a defesa, feita por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), da base empírica nos estudos de variação e mudança linguística e trata dos pressupostos acerca da relação das regras variáveis com fatores linguísticos e sociais, tecendo considerações sobre os pressupostos teóricos-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa e esclarecendo a distinção entre a análise em tempo real e análise em tempo aparente.

O terceiro capítulo trata da palatalização de /t/ e /d/ no português brasileiro (doravante PB) e apresenta sua caracterização fonológica e faz a revisão de estudos com foco no Rio Grande Sul e contrasta os padrões de variação entre comunidades do interior do estado e Porto Alegre.

O quarto capítulo explica a metodologia adotada para o procedimento de análise estatística de regra variável, bem como o *software* de análise estatística. O quinto capítulo discute os fatores selecionados pelo programa computacional, os resultados obtidos e faz a interpretação desses resultados, correlacionando-os com a literatura revisada. Por fim, no sexto e último capítulo, a conclusão, são apresentadas as considerações sobre aquilo que foi alcançado ao longo deste trabalho, uma análise que não se pretendeu definitiva sobre o fenômeno, mas que aponta passos futuros para sua investigação.

## 2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

Neste capítulo, apresentamos a Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1972), que fundamenta a nossa investigação, bem como sua relevância para os estudos linguísticos desenvolvidos a partir da segunda metade do século XX.

### 2.1 Pressupostos teóricos

O linguista norte-americano William Labov desenvolveu em meados da década de 1960 o modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança, também conhecida por nós como Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana. Tal abordagem propõe a investigação dos fenômenos linguísticos a partir das relações intrínsecas constituídas entre língua e sociedade. Nessa perspectiva, a língua é vista como heterogênea, isto é, comporta em seu sistema, além das regras categóricas, também regras variáveis, que são o produto da correlação entre fatores linguísticos (internos à língua) e fatores extralinguísticos (externos à língua).

A Teoria da Variação e Mudança, através do texto clássico de Weinreich, Labov e Herzog (doravante WLH) (2006 [1968]), caracteriza-se sobretudo por propor métodos e fundamentos necessários para o estudo acerca da mudança linguística inerente à língua, sem deixar de criticar estudos antecessores que propunham uma concepção de variação e mudança substancialmente diferente da proposta por WLH.

O primeiro alvo das críticas feitas pelos autores foi a tradição neogramática, a qual considerava toda variação presente na língua provinda de um desvio situado na fala, pois, para os neogramáticos, as línguas humanas eram consideradas homogêneas e somente assim poderiam ser estruturadas. Hermann Paul, um dos representantes da Linguística Histórica até o início do século XX, também foi criticado. Ele acreditava que a mudança se dava no interior do idioleto, isto é, de indivíduo para indivíduo e sem concretizar qualquer relação com a estrutura mais geral da língua, uma vez que língua e sociedade, para Paul, eram contrárias:

O isolamento do indivíduo, pensava Paul, tinha a vantagem de vincular a linguística a uma ciência mais geral da psicologia. O preço deste isolamento, contudo, foi a criação de uma oposição irreconciliável entre o indivíduo e a sociedade. Paul então teve de construir uma ponte teórica para passar do objeto

da linguística único e individual para uma entidade transindividual. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 41)

Sobre estudos do século XX, ou seja, já ambientados na linguística moderna, WLH tecem suas críticas em relação ao Estruturalismo de Saussure, que delimita a língua (*langue*) como um objeto de estudo tomado por si mesmo e desvinculado de fatores externos, sendo, portanto, homogêneo. A crítica dos autores recai sobretudo na concepção de língua como um sistema sincrônico, pois, para eles, seguidores das ideias de Antoine Meillet, deve-se estudar a língua pelo seu caráter social e evolutivo, pois toda variação é motivada por fatores sociais.

É em meio a essa diversidade de ideias que WLH, então, lançam seu texto norteador para os estudos subsequentes. Os autores propuseram um conjunto de fundamentos para o estudo da mudança, considerando a língua enquanto fenômeno social dinâmico, sendo suas variações ocasionadas não só por forças internas ao sistema, mas também por forças externas.

Com esse pensamento, então, WLH defendem abandonar o estudo da língua tendo como base o indivíduo e analisar a comunidade de fala, estabelecida pelos autores como o palco da mudança linguística.

## 2.2 Regras variáveis e fatores linguísticos e sociais

Ao realizar seu estudo sobre a pronúncia do fonema /r/ em posição pós-vocálica no inglês de Nova York (apagamento *versus* realização da consoante), Labov (2008[1972]) verificou que a pronúncia variável estava vinculada à comunidade em seus diversos fatores sociais. As classes socioeconômicas dos falantes era um deles. Essas foram abordadas pelo autor com base em ambientes de circulação específica dos falantes das diferentes classes: três lojas de departamento. As lojas pesquisadas pelo autor foram: a *Saks Fifth Avenue* (*status* superior), a *Macy's* (*status* médio) e *S. Klein* (*status* baixo). A estrutura física, o *status* de localização das lojas, os preços dos produtos vendidos e os salários pagos aos funcionários das três lojas eram distintos.

Labov (2008[1972]) implementou nesse estudo procedimentos específicos para a obtenção dos dados, a fim de não os comprometer, isto é, captar a fala dos informantes em sua manifestação espontânea ou natural:

[...] o entrevistador se aproximava do informante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: ‘por favor, onde ficam os sapatos femininos?’, a resposta geralmente era: ‘Fourth floor’ (‘Quarto andar’) (LABOV, 2008[1972], p. 70).

O objetivo do autor era verificar a frequência de emprego ou de apagamento do fonema na fala dos vendedores das três lojas. Para isso, formulou aos vendedores as perguntas supracitadas a fim de obter como resposta a frase *Fourth floor* (‘Quarto andar’), em que o fonema podia ou não se manifestar na fala. Após a análise das respostas de 264 indivíduos, Labov constatou que a pronúncia de [r] foi mais frequente na fala de jovens e pessoas incluídas nas classes sociais média-alta e média-baixa (lojas Saks e Macy’s, respectivamente). Na S. Klein, foram poucos os vendedores com o emprego total de [r].

Portanto, como resultado, Labov afirmou que a realização variável do fonema /r/ pelos vendedores das três lojas nova-iorquinas está correlacionado às classes sociais mais altas e às pessoas mais jovens. Para os estudos sociolinguísticos, esta pesquisa de Labov contribuiu para mostrar a importância de se considerar os fatores sociais na análise linguística, uma vez que as variáveis linguísticas, como já foi dito, estão intimamente relacionadas às variáveis extralinguísticas.

Em outro estudo realizado por Labov, na década de 1970, em Martha’s Vineyard, uma ilha do estado norte-americano de Massachussets, o autor pesquisou a variação de /aj/ e /aw/, pronunciados de forma centralizada pelos moradores da ilha. A constatação do autor foi que a mudança sonora realizada pelos moradores serviu como uma reivindicação simbólica pelos direitos enquanto locais, pois as realizações centralizadas soavam como um fenômeno caracterizador de um morador daquela ilha, isto é, funcionava como traço de pertencimento.

A constatação do estudo proposto pelo autor foi a de que não é possível compreender o desenvolvimento da mudança linguística sem conhecer a vida da comunidade de fala em que ela ocorre, sendo que pressões sociais (no caso da ilha, a oposição dos moradores aos veranistas) podem desencadear a mudança.

### 2.3 Comunidade de fala

Para a Teoria da Variação e Mudança, a comunidade de fala não é caracterizada apenas por um grupo de indivíduos que falam da mesma maneira, mas como um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos e normas em relação à língua que os diferenciam de outros grupos, conforme Labov (2008[1972]):

A comunidade de fala não é definida por nenhum acordo marcado quanto ao uso dos elementos da língua, mas, sobretudo, pela participação em um conjunto de normas compartilhadas. Essas podem ser observadas em tipos claros de comportamentos avaliativos, e pela uniformidade de seus termos abstratos de variação, que são invariáveis com relação aos níveis particulares de uso (LABOV, 2008 [1972], p. 120-121).

A partir da formulação acima, torna-se perceptível que Labov valoriza a uniformidade de atitudes que os falantes têm em relação à língua para conceituar a comunidade de fala, uma vez que os indivíduos não falam todos da mesma maneira, mas elaboram de modo conjunto as avaliações sobre os traços linguísticos compartilhados. Dessa forma, foi estabelecido como *locus* de análise dos estudos de variação e mudança a comunidade de fala, e não a língua. Se voltarmos ao exemplo da ilha de Martha's Vineyard, veremos que, apesar de a centralização dos ditongos /aj/ e /aw/ caracterizar a fala da ilha, não significa que todos os moradores realizam o processo, mas que o uso frequente de tais variantes identifica a comunidade ilhoa.

Uma vez conceitualmente delimitada, a comunidade de fala se torna imprescindível para os estudos variacionistas, sendo a partilha de normas de uso e avaliação um dos seus principais pressupostos teóricos. Considerar, por exemplo, que a fala de um nordestino é diferente da fala de um carioca e a fala desse, por sua vez, em certos usos, assemelha-se à fala de um porto-alegrense deve-se à nossa percepção de diferenças nos usos do português, conforme as normas locais.

Assim, é constituída não só a identidade da comunidade, mas também a de seus integrantes, que estabelecem fortes relações com as estruturas sociais à medida que a linguagem por eles utilizada passa a caracterizá-los.

## 2.4 Análise em tempo aparente

Segundo Labov (1994), uma maneira de verificar uma mudança linguística em progresso na comunidade de fala é analisar as variantes distribuídas conforme a faixa etária dos informantes. Feito isso, se a variante considerada inovadora for mais frequente na fala das pessoas mais jovens da comunidade, de forma que os adultos e idosos utilizem pouco, é indicativo da mudança. Esse tipo de análise é chamado de *análise em tempo aparente* e, segundo Labov, é “a primeira e mais simples abordagem para se estudar uma mudança linguística em progresso” (LABOV, 1994, p. 45).

Labov diz que o modo mais adequado de estudar a mudança através da análise em tempo aparente é tecendo associações com as evidências encontradas pela análise em tempo real. Assim, não só será possível verificar os estágios em que se encontra a mudança, como também é possibilitado ao pesquisador evidenciar outros condicionadores, além da faixa etária, para tal mudança linguística.

## 2.5 Análise em tempo real

A análise de regra variável em tempo real, método utilizado nesta pesquisa, considera a comparação feita com dados de dois períodos distintos de tempo, isto é, de épocas diferentes.

Segundo Labov (1994), além desse método de análise linguística propiciar a observação de mudanças de longa duração, ele também se faz eficaz quando o pesquisador sente a necessidade, após algumas décadas, de retornar à comunidade de fala pesquisada para verificar se houve durante esse intermédio de tempo avanço ou retrocesso no uso da variável pela comunidade investigada.

Contudo, Labov (1994) nos previne sobre as dificuldades que podemos enfrentar ao realizar análise em tempo real, uma vez que, ao retornar ao local investigado décadas após o primeiro estudo, para propor uma nova análise, o pesquisador teria que encontrar os mesmos informantes, o que, por vezes, é muito difícil de acontecer.

Para solucionar esse impasse, o autor propôs dois métodos de análise em tempo real para as pesquisas sociolinguísticas: o *panel study* (estudo de painel), que é a análise feita a partir do recontato com o informante e que trata do comportamento desse em dois períodos



de tempo, e o *trend study* (estudo de tendência), realizado nesta pesquisa, que trata do comportamento da comunidade de fala também em dois períodos distintos de tempo, mas com dados extraídos de uma nova amostra análoga à anterior.

A proposta de Labov não sugere que a análise em tempo real através de estudos de painel e estudos de tendência seja superior à análise em tempo aparente. Pelo contrário, ele aconselha que o pesquisador faça uma correlação entre as análises, uma vez que os estudos em tempo aparente ajudam a verificar as mudanças em progresso.

### 3 A PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

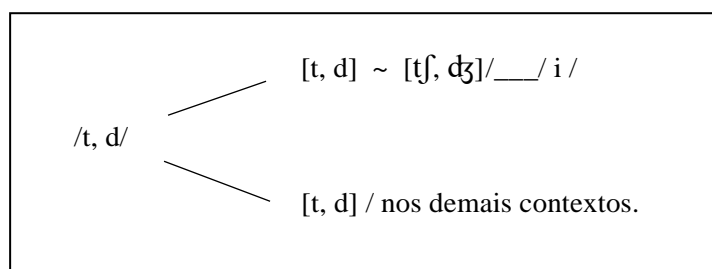
A palatalização das oclusivas alveolares tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores brasileiros ao longo dos últimos anos. Neste capítulo, é feita a revisão bibliográfica de algumas dessas pesquisas, sobretudo daquelas desenvolvidas no Rio Grande do Sul. No entanto, antes disso, cabe-nos apresentar uma breve caracterização fonológica do processo e suas manifestações variáveis no PB.

#### 3.1 Caracterização fonológica da palatalização no PB

Conforme Battisti e Dornelles Filho (2012), a palatalização é um processo assimilatório que envolve a adoção, por parte de um segmento, de características articulatórias de segmentos vizinhos. No PB, a palatalização é um processo assimilatório de natureza regressiva, em que as consoantes /t/ e /d/ assimilam a palatalidade da vogal alta seguinte, o /i/ fonológico (*[ti]a::[tʃ]ia*, *[di]a::[dʒ]ia*), ou o [i] derivado de /e/ átono (*gen[te]::gen[tʃ]i*, *[te]atro::[tʃ]iatro*).

Em PB, as variantes resultantes do processo estão em distribuição complementar com as realizações não palatalizadas:

Figura 1: Representação da distribuição complementar das oclusivas alveolares /t/ e /d/ quando seguidas pela vogal anterior alta.



Fonte: autoria própria.

Do ponto de vista fonético-articulatório, Câmara Jr (1977, p. 186) diz que “a palatalização é uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”. O autor afirma que o processo de palatalização originou quatro consoantes na língua latina (/ʃ/, /ʒ/, /ɲ/, /ʎ/), os mesmos segmentos palatais atualmente presentes na língua portuguesa.

No que tange os estudos sociolinguísticos, o processo de palatalização é visto como um fenômeno linguístico variável desencadeado tanto por fatores linguísticos, como os supracitados, quanto fatores sociais, aplicando-se em diferentes frequências ao longo do território brasileiro. Se comparada ao português europeu, conforme sugere Battisti (2011), a palatalização de /t/ e /d/ é um traço inovador da variedade do PB.

### 3.2 Estudos sobre a palatalização das oclusivas alveolares

Bisol (1991) pesquisou o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ seguidas de [i] no PB falado no Rio Grande do Sul em uma amostra de fala feita pela própria autora com 15 informantes de cada região, sendo elas a metropolitana, a fronteira e as colônias alemãs e italianas. Todos os informantes que constituíram a amostra, exceto os da capital, que eram universitários, tinham educação primária. As variáveis controladas pela autora foram idade e grupo étnico, a partir das quais foi possível analisar quais fatores extralinguísticos contribuíram para a aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

Relativamente à variável idade, os resultados do estudo mostraram que os informantes mais jovens aplicaram com maior frequência o processo de palatalização do que os informantes mais velhos, à exceção do grupo metropolitano.

Quanto aos fatores linguísticos, a variável acento, nos grupos metropolitano e fronteira, se destacou em posição da sílaba tônica, como na palavra *ar[tʃi]go*, contribuindo para o processo de aplicação da palatalização. Nos grupos étnicos das colônias alemã e italiana, o fenômeno teve maior aplicação nas posições mais fracas da palavra, como em *excelen[tʃi]*.

A variável contexto fonológico precedente teve maior contribuição da consoante vibrante para a aplicação do processo, como em *verde* ou em *arte*, por exemplo, na região metropolitana e na região de colonização italiana. Nos grupos fronteira e de colonização alemã, o fator vogal posterior e lateral, respectivamente *botica* e *altivo*, tiveram maior contribuição para a aplicação da palatalização.

O estudo de Bisol (1991) chegou à conclusão de que o processo de palatalização de /t/ e /d/ tem aplicação praticamente categórica na região metropolitana, estando ainda em fase de expansão pelas demais regiões pesquisadas. Em vista disso, a autora estabeleceu uma tendência de aplicação do processo, na seguinte ordem: 1) metropolitanos; 2) fronteira; 3) alemães e; 4) italianos.

Kamianecy (2002) analisou entrevistas de 8 informantes de Porto Alegre e 8 informantes de Florianópolis, disponibilizadas no banco de dados VARSUL. O objetivo da pesquisa foi testar a hipótese de que o processo de palatalização das oclusivas alveolares é característica da língua falada no sul do país, mas que comunidades de fala que palatalizam /s/ e /z/ não palatalizam /t/ e /d/. Tais hipóteses foram confirmadas pela autora. Na capital gaúcha, a autora obteve o resultado de 94% de aplicação da regra de palatalização, que contrastou com apenas 8% de aplicação em Florianópolis. Entre todos os grupos de fatores controlados, a variável que se destacou foi o grupo geográfico.

A maior aplicação do processo foi com a vogal alta subjacente, sendo as mulheres e indivíduos com menos de 50 anos os que mais aplicam a palatalização das oclusivas alveolares. Em Porto Alegre, a palatalização teve aplicação praticamente categórica em todas as faixas etárias, destacando-se em relação a Florianópolis, em que o processo só teve maior aplicação pelos informantes mais jovens.

No que tange às variáveis linguísticas, cabe destacar o tipo de vogal alta, com o fator não derivado, a exemplo de *dinheiro*, que foi o que mais favoreceu a aplicação da regra. Em posição de sílaba pós-tônica não final (*médico*) e final (*pente*), foram os outros fatores que mais contribuíram para o desencadeamento da regra.

Em São Borja, o fenômeno linguístico da palatalização foi investigado por Pires (2003). A base de dados usada pela autora foi o VARSUL, do qual foram escolhidas 24 entrevistas sociolinguísticas.

As variáveis estatisticamente significativas, nesse estudo, foram sexo, idade e escolaridade, sendo as duas últimas formadas por dois fatores: informantes com idade acima ou abaixo dos 50 anos e com ensino fundamental e ensino médio, respectivamente. Relativamente à variável sexo, as mulheres se mostraram como mais favorecedoras ao processo de palatalização. O grau de escolaridade ensino médio também se mostrou como o fator que mais favorece a aplicação da regra. Para esse resultado, a hipótese da autora é que as pessoas mais escolarizadas tendem a absorver, por influência da escola, as variantes mais prestigiadas.

As variáveis linguísticas controladas no estudo de Pires (2003) foram contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente, nasalidade da vogal alta, tonicidade, sonoridade e tipo de vogal alta. Nos resultados obtidos através de rodadas estatísticas, o fator tipo de vogal alta, integrado por vogal não-derivada como em *tinta*, foi selecionado como o mais favorável à aplicação da palatalização de /t/ e /d/.

O contexto fonológico seguinte também mostrou ter efeito sobre o processo nos resultados obtidos pela autora. O fator mais favorável, nesse caso, foi a consoante lateral, como em *dilema*, e a consoante velar, como em *antiguidade*.

O estudo de Pires (2003) se correlaciona com o estudo de Bisol (1991) à medida que ambos, em relação à variável idade, apresentam os mais jovens como favorecedores da palatalização. Sobre a variável sexo, o estudo concluiu que o fator feminino está à frente.

Battisti e Dornelles Filho (2012) investigam a palatalização das oclusivas alveolares em 23163 dados de 48 entrevistas sociolinguísticas do BDSer (Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha, UCS) com informantes de Flores da Cunha. Os resultados obtidos pelos autores confirmam a tendência, descrita em Bisol (1991), de que o processo se encontra em expansão para as regiões interioranas, uma vez que Flores da Cunha apresentou 30% de aplicação da regra.

Esse resultado, segundo os autores, está em conformidade com os que foram apresentados pelos informantes de Antônio Prado, cidade que integra a mesma região de Flores da Cunha, a chamada Região Colonial Italiana (RCI-RS) e que foi previamente estudada pelos autores (BATTISTI, DORNELLES FILHO, LUCAS, BOVO, 2007).

As duas cidades apresentaram baixa aplicação de palatalização (30%) e tiveram os mesmos fatores como condicionadores do processo, sendo de destaque a vogal alta fonológica /i/, as pessoas mais jovens e os moradores da zona urbana dos municípios. Como interpretação para tais resultados, os autores sugerem que é possível pensar as cidades de Flores da Cunha e Antônio Prado de modo conjunto, pois são integrantes da mesma região (RCI-RS) e compartilham laços de identidade sobre sua origem étnica, a italiana.

Embora tanto o estudo sobre a cidade de Flores da Cunha quanto o estudo sobre a cidade de Antônio Prado apresentem resultados que indicam o progresso da palatalização na RCI-RS, os autores verificam uma lentidão no processo, que possivelmente decorre de características sociais ligadas à identidade italiana.

Duarte (2017, 2018) deu os primeiros passos para o estudo que se apresenta aqui, sobre a palatalização regressiva de /t, d/ no português de Porto Alegre, comparando duas amostras de fala numa análise em tempo real e separando dados conforme a vogal-gatilho, se anterior alta subjacente ou derivada (elevada) de /e/ em sílaba átona. Constatou altos índices de aplicação da regra, o que está em consonância com os resultados apresentados pelos estudos referidos, com destaque para o fator feminino da variável gênero, que lidera a aplicação do processo em Porto Alegre.

Os seis estudos supracitados têm, embora não em totalidade, resultados em comum. Em todos eles a capital gaúcha exerce posição de destaque quanto à aplicação da palatalização das oclusivas alveolares, sendo as pessoas jovens as que mais propagam o processo e o gênero feminino o favorecedor da regra. Em regiões interioranas, a exemplo de Antônio Prado e Flores da Cunha, o processo apresenta-se em progresso, mas em passos lentos e refreado por características sociais e identitárias.

As cidades pesquisadas representam comunidades de fala na teoria laboviana. As normas linguísticas e sociais são compartilhadas pelos seus integrantes e minimizadas ou maximizadas por eles mesmos, em razões de traços históricos e socioculturais.

## 4 METODOLOGIA

Conforme mencionamos ainda na introdução deste trabalho, neste capítulo é feita a explicação da metodologia adotada para a análise de regra variável e apresentamos o *software* utilizado na análise estatística dos dados, bem como as variáveis controladas. Além disso, também apresentamos os dois *corpora* de entrevistas sociolinguísticas dos quais os dados foram extraídos.

### 4.1 As entrevistas sociolinguísticas

Os dados utilizados neste estudo são provenientes de dois *corpora* de entrevistas sociolinguísticas, o VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e o LínguaPOA.

O projeto VARSUL<sup>2</sup> promove a descrição do português falado e escrito da região sul do Brasil por meio da parceria com quatro universidades brasileiras, sendo elas: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR). O acervo do projeto é constituído por 288 entrevistas distribuídas igualmente entre os estados da região sul, sendo realizadas 24 entrevistas em cada município participante.

Criado no ano de 1982 a partir de Leda Bisol, que então era professora da UFRGS, esse projeto busca proporcionar subsídios para a descrição da língua falada no Brasil, de maneira a criar condições para teste e desenvolvimento de teorias e análises linguísticas, promovendo o conhecimento das variedades linguísticas (BISOL, MENON e TASCA 2008, COLLISCHONN e MONARETTO 2012, BISOL e MONARETTO 2016).

O LínguaPOA<sup>3</sup> é um acervo de entrevistas sociolinguísticas de informantes da cidade de Porto Alegre e também é um dos resultados do projeto de pesquisa “Variação Fonético-Fonológica e Classe Social na Comunidade de Fala de Porto Alegre”, executado na UFRGS de 2015 a 2019 sob a coordenação da professora Dra. Elisa Battisti (UFRGS/CNPq). Esse acervo é constituído por entrevistas sociolinguísticas com informantes dos dois gêneros

---

<sup>2</sup> Cf. site de projeto VARSUL: disponível em: <<http://www.varsul.org.br/>>. Acesso em 17 de julho de 2019.

<sup>3</sup> Cf. site do projeto LínguaPOA: disponível em: <<https://www.ufrgs.br/linguapoa/>>. Acesso em 17 de julho de 2019.

(masculino e feminino), três níveis de escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior), três faixas etárias (de 20 anos a 39 anos, de 40 anos a 59 anos e 60 anos ou mais), quatro zonas de Porto Alegre (Central, Leste, Norte e Sul).

Os dois acervos referidos contam com entrevistas cuja duração média é de 60 minutos e seguem um roteiro específico de perguntas. As perguntas do VARSUL giram em torno de experiências pessoais cotidianas; as do LínguaPOA requerem do informante, além de narrativas pessoais, apreciações sobre a vida porto-alegrense e lugares da cidade.

#### 4.2 Seleção de informantes

Para a extração e análise dos dados deste estudo, foram selecionadas entrevistas sociolinguísticas dos dois acervos supracitados, sendo 12 entrevistas do VARSUL, realizadas no início dos anos 1990, e 12 entrevistas do LínguaPOA, realizadas no ano de 2016. A seleção dos informantes foi feita compatibilizando-se, na medida do possível, os critérios de estratificação das duas amostras: dois gêneros (feminino e masculino) e três faixas etárias (20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais), com dois informantes por célula.

#### 4.3 Método de análise

Os dados analisados nesta pesquisa são contextos de palatalização (sequências /ti, di/ e sequências /te, de/) a que o processo se aplica variavelmente. Foram extraídos de oitavas das entrevistas e anotados em planilhas de controle, com a finalidade de serem codificados antes de serem submetidos à análise estatística. A codificação dos dados deu-se a partir da variável dependente (se aplicava ou não aplicava a palatalização) e das variáveis independentes.

O método de análise é quantitativo, isto é, requer análise estatística dos dados, que foi feita com o programa computacional R (R Core Team, 2018) utilizando o pacote para análise linguística RBrul (JOHNSON, 2017). No *software* RBrul, os dados foram submetidos a rodadas estatísticas que fornecem resultados em pesos relativos (de 0 a 1,0) e em porcentagem (de 0 a 100%).



#### 4.4 Variáveis controladas

As variáveis (independentes) controladas no estudo são grupos de fatores que podem ter efeito sobre o processo (variável dependente), a depender dos resultados depreendidos pelo método quantitativo.

Neste trabalho, são controladas duas variáveis dependentes. Para fins de especificação, as denominamos de Variável dependente 1 e Variável dependente 2.

##### 4.4.1 Variável Dependente 1

A primeira variável dependente controlada na nossa análise é a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta subjacente /i/, como em *ro[ti]na::ro[tʃi]na* e *[di]ário::[dʒi]ário*.

##### 4.4.2 Variáveis Independentes

As variáveis independentes distinguem-se em variáveis linguísticas e extralinguísticas, essas últimas também chamadas de variáveis sociais.

###### 4.4.2.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas controladas são as seguintes:

###### a) Contexto Fonológico Precedente

Os fatores analisados nessa variável foram os seguintes: vogal oral (*metida*, *fedido*), ditongo (*oitiva*, *auditivo*), nasal (*mentira*, *bandido*) consoante lateral (*altivo*, *maldito*) consoante sibilante (*mastigar*) vibrante ou tepe (*artista*, *mordida*) e contexto fonológico zero (*tipo*, *dia*). Essa variável foi escolhida porque, conforme a literatura revisada (BISOL, 1991), na região de fronteira, por exemplo, a vogal posterior (*botica*) motivou a palatalização das oclusivas alveolares.

#### b) Contexto Fonológico Seguinte

Os fatores analisados foram: vogal (*diabo Tiago*), consoante sibilante e fricativa anterior (*disco, ativo*), consoante sibilante posterior (*tijolo, digestão*), consoante oclusiva (*tipo, dica*), consoante lateral anterior (*dilema, tilápia*), consoante lateral posterior (*gatilho, dedilhar*), consoante nasal anterior (*time, dinossauro*), consoante nasal posterior (*dinheiro, tinhoso*) vibrante, tepe (*tira, direção*), consoante africada (*ti[tʃ]ica, di[dʒ]i*) e contexto fonológico seguinte zero (*Parati*). Tal variável foi considerada neste estudo por demonstrar-se estatisticamente significativa para o processo de palatalização nos estudos revisados, conforme Bisol (1991) e Pires (2003), nos quais os fatores lateral (*dilema*) e vogal (*pátio*) foram os que mais influenciaram a aplicação da regra.

#### c) Posição da Sílabas na Palavra

Na variável posição da sílaba na palavra, controlam-se os fatores: inicial (*diário, tijolo*), medial (*antígo, ardído*) final (*Parati*), monossílabo tônico (*diz, TIM*) e monossílabo átono (*pra ti*). A nossa hipótese para essa variável, conforme o estudo de Battisti e Guzzo (2012), é a de que o fator medial tenha maior influência sobre o processo de palatalização.

#### d) Tonicidade da Sílabas

Acerca do fator tonicidade da sílaba, os fatores controlados na análise foram os três seguintes: átona pretônica e postônica não final (*atitude, médico*), tônica (*dia*), átona em contexto de clítico (*ti*). No estudo de Bisol (1991), o fator tônica foi considerado com estatisticamente significativo. Em Pires (2003), o fator tônica em posição inicial é o favorecedor da regra. A hipótese é a de que a palatalização seja mais frequentemente aplicada em sílabas mais acentuadas.

#### e) Qualidade da Consoante Alvo

Foram dois os fatores controlados em relação à qualidade da consoante oclusiva alveolar: vozeado (*dia*) e desvozeado (*tia*). A hipótese para essa variável é a de que a oclusiva desvozeada tenha maior aplicação da palatalização, conforme constatado por Pires (2003), Battisti, Dornelles Filho, Lucas e Bovo (2007), Battisti e Dornelles Filho (2012).

#### 4.4.2.2 Variáveis Extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas nesta análise obedeceram aos critérios de estratificação das amostras. Os estudos referidos na seção 3.2 mostram que gênero e faixa etária têm papel na palatalização, isto é, apresentam, em menor ou maior frequência, alguma influência sobre o processo. A hipótese é a de que a palatalização seja mais aplicada por mulheres e pessoas mais jovens.

Na variável faixa etária, os fatores controlados são 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. O controle dessa variável mostra-se importante uma vez que nos estudos de Bisol (1991) e Kamianecy (2002) os informantes mais jovens e com menos de 50 anos aplicam com maior frequência a palatalização.

Em relação à variável gênero, os fatores masculino e feminino foram controlados. A escolha, assim como a variável apresentada anteriormente, deve-se aos estudos revisados, dos quais Pires (2003) confere que as mulheres se mostram à frente do processo de palatalização.

Quadro 1 – Variáveis independentes controladas na análise da Variável Dependente 1

<i>Variáveis Linguísticas</i>	<i>Variáveis Extralinguísticas</i>
Contexto Fonológico Precedente  Vogal oral: <i>metida, fedido</i> Ditongo: <i>oitiva, auditivo</i> Nasal: <i>mentira, bandido</i> Consoante lateral: <i>altivo, maldito</i> Consoante sibilante: <i>ma<sub>s</sub>tigar</i> Vibrante ou tepe: <i>artista, mordida</i> Zero: <i>tipo, dia</i>	Gênero  Feminino Masculino
Contexto Fonológico Seguinte  Vogal: <i>diabo Tiago</i> Consoante sibilante e fricativa anterior: <i>disco, atiyo</i> Consoante sibilante posterior: <i>tijolo, digestão</i> Consoante oclusiva: <i>tipo, dica</i> Consoante lateral anterior: <i>dilema, tilápia</i> Consoante lateral posterior: <i>gatilho, dedilhar</i> Consoante nasal anterior: <i>time, dinossauro</i> Consoante nasal posterior: <i>dinheiro, tinhoso</i> Vibrante, tepe: <i>tira, direção</i> Consoante africada: <i>ti[tʃ]ica, Di[dʒ]i</i> Zero ( <i>Parati</i> )	Faixa Etária  20 – 39anos 40 – 59 anos 60 ou mais anos

Posição da sílaba na palavra  Inicial: <i>diário</i> , <i>tijolo</i> Medial: <i>antigo</i> , <i>ardido</i> Final: <i>Parati</i> Monossílabo tônico: <i>diz</i> , <i>TIM</i> Monossílabo átono: pra <i>ti</i>	
Tonicidade da sílaba  Átona pretônica e postônica não final: <i>atitude</i> , <i>médico</i> Tônica: <i>dia</i> Átona (clítico): <i>ti</i>	
Qualidade da consoante alvo  Vozeada: <i>dia</i> Desvozeada: <i>tia</i>	

Fonte: adaptado de Battisti e Guzzo (2010, p.105-106).

#### 4.4.3 Variável Dependente 2

A segunda variável dependente controlada na análise foi a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ por vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona final, como em *gente::gen[tʃi]* e *onde::ond[dʒi]*.

#### 4.4.4 Variáveis Independentes

Embora as variáveis independentes sejam as mesmas da análise feita com a Variável dependente 1, é importante destacá-las aqui, uma vez que, em alguns casos, seus fatores foram substituídos por outros.

##### 4.4.4.1 Variáveis Linguísticas

As variáveis linguísticas controladas nesta parte do estudo foram as seguintes:

##### a) Contexto Fonológico Precedente

Os fatores analisados nos contextos que antecedem as oclusivas alveolares foram os que seguem: vogal oral (*boate*, *maldade*), ditongo (*noite*, *Neide*), nasal (*gente*, *onde*),

consoante lateral (*malte, balde*), consoante sibilante (*poste, desse*), vibrante ou tepe (*arte, morde*) e zero (*testemunha, desmaio*).

#### b) Contexto Fonológico Seguinte

Nos contextos que seguem as oclusivas alveolares, foram analisados vogal (*teatro, cadeado*), consoante sibilante e fricativa anterior (*decente, tevê*), consoante sibilante posterior (*proteger, de jeito*), consoante oclusiva (*debulhar, determinar*), consoante lateral anterior: (*delícia, telograma*), consoante lateral posterior (*telhado*), consoante nasal anterior (*temido, demover*), consoante nasal posterior (*ordenhar*), vibrante, tepe (*tererê, Valderez*), consoante africada: (*dedicado, detetive*) e zero (*dente, ande*).

#### c) Posição da Sílabla na Palavra

A possível influência do posicionamento da sílabla na palavra para o processo de palatalização foi analisada a partir destes fatores: inicial (*teatro, delícia*), medial (*detetive, Adenor*), final (*pente, acorde*), inicial de locução (*de noite, te queria*).

#### d) Tonicidade da Sílabla

A tonicidade da sílabla foi controlada a partir dos fatores átona pretônica e postônica não final (*atenuar, dedicar*), átona final (*vinte, bonde*) e átona em contexto clítico (*de, te*).

#### e) Qualidade da Consoante Alvo

A qualidade da consoante alvo foi composta por dois fatores, que são vozeada (*decorar, depor*) e desvozeada (*tesoura, testemunha*).

#### 4.4.4.2 Variáveis Extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas na análise da Variável Dependente 2 são as mesmas consideradas na análise da Variável Dependente 1.

Os fatores controlados na variável faixa etária são 20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais. Na variável gênero, os fatores masculino e feminino foram controlados.

Quadro 2 - Variáveis independentes controladas na análise da Variável Dependente 2

<i>Variáveis Linguísticas</i>	<i>Variáveis Extralinguísticas</i>
<p>Contexto Fonológico Precedente</p> <p>Vogal oral: <i>bo<u>a</u>te, mal<u>a</u>dade</i>  Ditongo: <i>no<u>i</u>te, Ne<u>i</u>de</i>  Nasal: <i>g<u>e</u>nte, on<u>e</u></i>  Consoante lateral: <i>mal<u>l</u>te, bal<u>l</u>de</i>  Consoante sibilante: <i>pos<u>z</u>te, des<u>z</u>de</i>  Vibrante ou tepe: <i>ar<u>r</u>te, mor<u>r</u>de</i>  Zero: <i>testemun<u>h</u>a, desma<u>i</u>o</i></p>	<p>Gênero</p> <p>Feminino Masculino</p>
<p>Contexto Fonológico Seguinte</p> <p>Vogal: <i>te<u>a</u>tro, cade<u>a</u>do</i>  Consoante sibilante e fricativa anterior: <i>de<u>c</u>ente, te<u>y</u>ê</i>  Consoante sibilante posterior: <i>pro<u>t</u>eger, de <u>j</u>eito</i>  Consoante oclusiva: <i>de<u>b</u>ulhar, de<u>t</u>erminar</i>  Consoante lateral anterior: <i>de<u>l</u>ícia, te<u>l</u>ograma</i>  Consoante lateral posterior: <i>te<u>l</u>hado</i>  Consoante nasal anterior: <i>te<u>m</u>ido, de<u>m</u>over</i>  Consoante nasal posterior: <i>orde<u>n</u>har</i>  Vibrante, tepe: <i>te<u>r</u>erê, Valde<u>r</u>ez</i>  Consoante africada: <i>de<u>d</u>icado, de<u>t</u>etive</i>  Zero: <i>de<u>n</u>te, ande</i></p>	<p>Faixa Etária</p> <p>20 – 39anos 40 – 59 anos 60 ou mais anos</p>
<p>Posição da Sílabla na Palavra</p> <p>Inicial: <i>te<u>a</u>tro, de<u>l</u>ícia</i>  Medial: <i>de<u>t</u>etive, A<u>d</u>enor</i>  Final: <i>pen<u>t</u>e, acor<u>d</u>e</i>  Inicial de locução (clítico): <i>de<u> </u>noite, te<u> </u>queria</i></p>	
<p>Tonicidade da Sílabla</p> <p>Átona pretônica e postônica não final: <i>ate<u>n</u>uar, de<u>d</u>icar</i>  Átona final: <i>vin<u>t</u>e, bon<u>d</u>e</i>  Átona (clítico): <i>de<u> </u>, te<u> </u></i></p>	
<p>Qualidade da Consoante Alvo</p> <p>Vozeada: <i>de<u>c</u>orar, de<u>p</u>or</i>  Desvozeada: <i>tes<u>s</u>oura, testemu<u>n</u>ha</i></p>	

Fonte: adaptado de Battisti e Guzzo (2010:105-106).

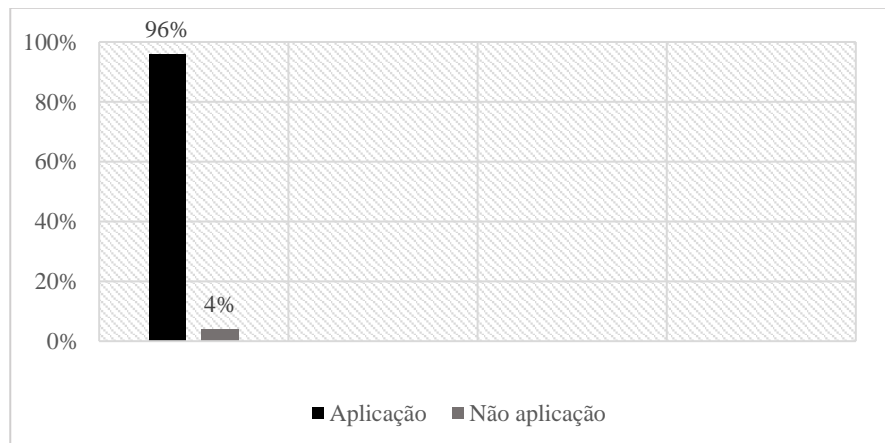
## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados obtidos pelas análises estatísticas realizadas com o RBrul (JOHNSON, 2017). Para tanto, como esses resultados são produtos da análise de contextos de palatalização diferentes (por vogal /i/ não derivada e vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona), entende-se que a apresentação e discussão também deve ser feita com distinção.

### 5.1 Resultados da análise da variável dependente 1

Das 12 entrevistas sociolinguísticas do VARSUL realizadas com informantes no início anos 1990 em Porto Alegre, foram levantados 750 contextos /ti/, /di/ de aplicação da regra. Desses, 724 foram palatalizados pelos informantes, numa proporção total de 96% de aplicação.

Gráfico 1: Frequência total de aplicação da regra em contextos /ti/, /di/. Dados VARSUL.

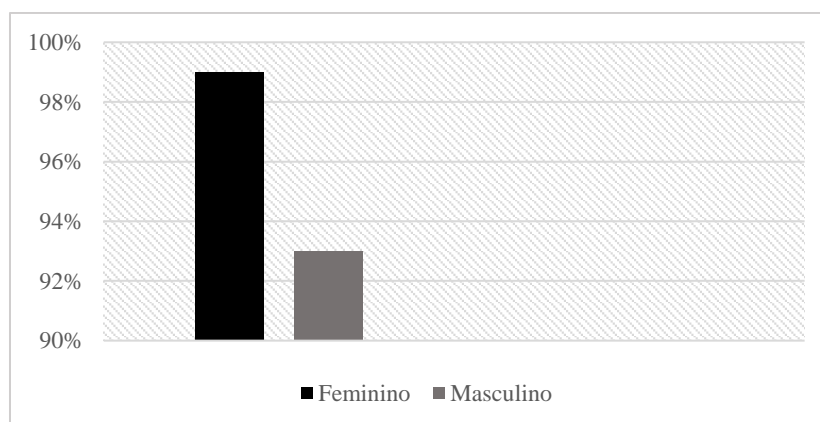


Fonte: autoria própria.

No que tange à análise das 12 entrevistas do LínguaPOA, foram levantados 1200 contextos /ti/, /di/ de aplicação da regra. Todos foram palatalizados pelos informantes, gerando, portanto, 100% de aplicação de palatalização das oclusivas alveolares por vogal alta /i/ não derivada.

Referentemente à análise dos dados VARSUL, o programa computacional selecionou como estatisticamente significativas as variáveis Gênero (Gráfico 2), Faixa Etária (Gráfico 3), Contexto Fonológico Seguinte (Gráfico 4) e Contexto Fonológico Precedente (Gráfico 5).

Gráfico 2: Palatalização em contextos /ti/, /di/ pela variável Gênero. Dados VARSUL.



Fonte: autoria própria.

Os resultados apresentados para essa variável mostram-se condizentes com os estudos de Bisol (1991), Kamianecy (2002) e Pires (2003) ao destacar as mulheres à frente do processo de palatalização das oclusivas alveolares. Embora o fator masculino também não se apresente com uma frequência baixa de aplicação (93%), é sugestivo que olhemos para esse resultado lembrando de Labov (2008 [1972]), que, em relação à centralização dos ditongos pelos moradores da ilha de Martha's Vineyard, diz:

[...] A diferenciação sexual com que estamos lidando depende claramente de padrões de interação social na vida diária [...] e de uma postura expressiva que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. (LABOV, 2008 [1972], p. 348).

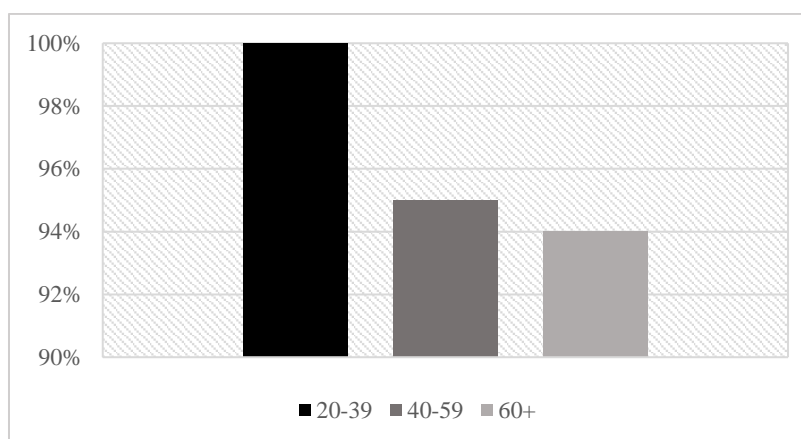
Além disso, o autor afirma que, nas mudanças em que se abandona a forma padrão, o processo tende a ser liderado pelos homens, sendo as mulheres líderes quando o processo de mudança é direcionado às formas de prestígio.

Nossa hipótese intuitiva para esse resultado com aplicação alta já nos anos 1990 (dados VARSUL) é a de que, na vida urbana da capital, as mulheres tendem a usar as formas mais prestigiadas a fim de conseguir melhores postos de trabalho e inclusão social. Todavia, para se confirmar ou não tal hipótese, seria necessária a realização de um estudo sociolinguístico de avaliação social da variável diante do processo de palatalização.

A variável Faixa Etária também foi selecionada pelo programa como significativa ao processo de palatalização, com proporções diversas, mas altas, em todos os fatores.



Gráfico 3: Palatalização em contextos /ti/, /di/ pela variável Faixa Etária. Dados VARSUL.



Fonte: autoria própria.

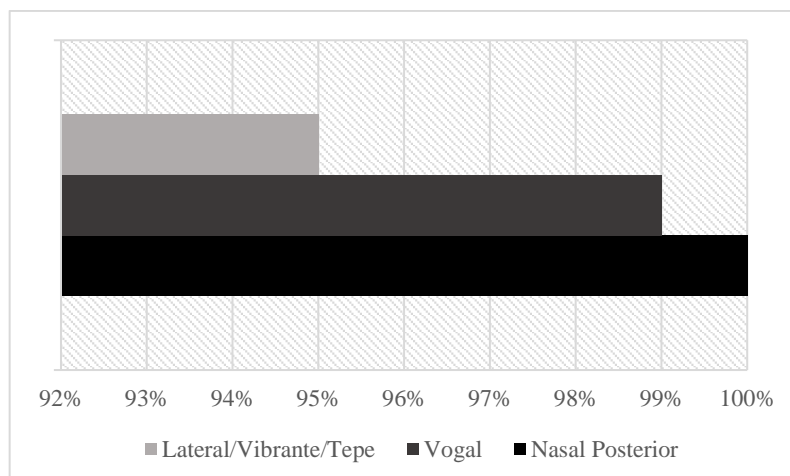
Esses resultados nos revelam que, nos anos 1990, eram os jovens os que mais aplicavam o processo (na faixa etária dos 20 aos 39 anos). Tal resultado é característico da mudança em progresso (CHAMBERS e TRUDGILL, 1980), na qual os jovens tendem a produzir com mais frequência as formas inovadoras.

O que se espera, portanto, é que, nos processos de variação na mudança em progresso, o uso das variantes inovadoras na língua aumente à medida que a idade dos falantes diminui, opondo, de um lado, a faixa etária mais velha, com as frequências de aplicação da regra mais baixas, de outro lado, se posicionam a faixa etária mais jovem, com frequências de uso da variante inovadora mais altas.

A primeira variável linguística selecionada como significativa foi Contexto Fonológico Seguinte, isso após os onze fatores da variável serem revistos e reduzidos a três: Vogal, Nasal Posterior e Lateral/Vibrante/Tepe.<sup>4</sup> O fator Nasal Posterior (*ti[n]a*) exercendo posição de destaque, com 100% de aplicação da regra:

<sup>4</sup> Houve amalgamação de fatores em função da distribuição de dados por fatores: alguns fatores reuniram poucos dados.

Gráfico 4 – Palatalização em contextos /ti/, /di/ por Contexto Fonológico Seguinte. Dados VARSUL.



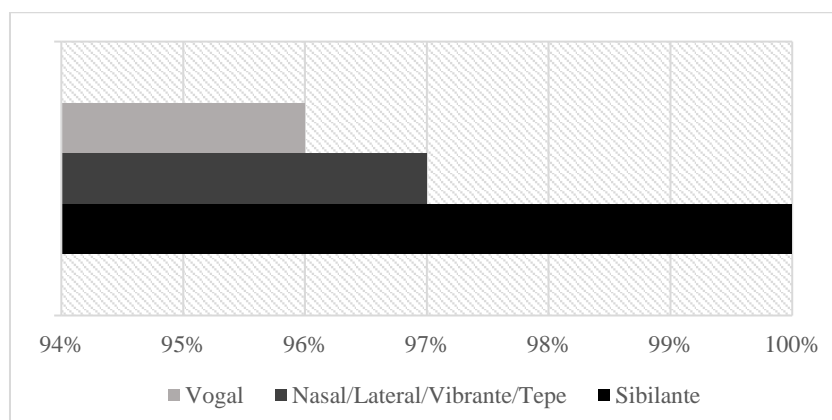
Fonte: autoria própria.

O Contexto Fonológico Seguinte nasal posterior favorece a produção da palatalização, conforme apresentado no Gráfico 4. Dos 750 dados analisados, 100 deles apresentam segmento nasal após a oclusiva alveolar, sendo o vocábulo *tinha* o mais recorrente, com 93 *tokens*.

Esse resultado sugere que a palatalização das oclusivas alveolares, nesse contexto, pode ser desencadeada pela assimilação da palatalidade do fonema /ɲ/, representada pelo traço [- anterior].

A outra variável linguística selecionada foi o Contexto Fonológico Precedente, cujos fatores também foram revistos. Dentre eles, destacou-se o fator Sibilante (*mastigar*), seguido do fator Vogal e do fator Lateral/Vibrante/Tepe:

Gráfico 5 – Palatalização em contextos /ti/, /di/ por Contexto Fonológico Precedente. Dados VARSUL.



Fonte: autoria própria.

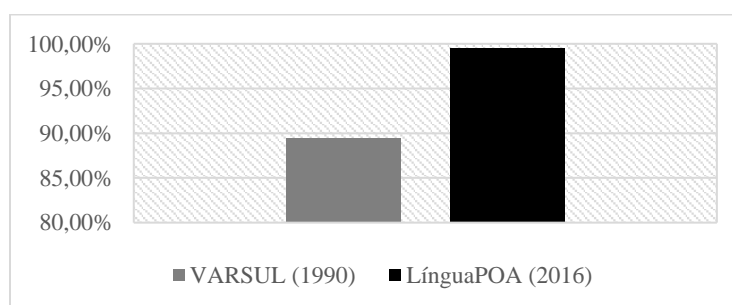
A consoante sibilante como o fator favorecedor da palatalização em contexto precedente, nos anos 1990 (dados VARSUL), contrasta com os resultados obtidos por Bisol (1986), nos quais o contexto sibilante demonstrava-se como inibidor da palatalização. Nos dados da autora, o peso relativo de consoantes sibilantes na variável Contexto Fonológico Precedente foi de 0,33 no que tange os informantes metropolitanos.

Relativamente aos dados do LínguaPOA, a aplicação categórica da palatalização em contextos /ti/, /di/ implicou a impossibilidade de o programa selecionar variáveis favorecedoras. Esse resultado sugere que, se a palatalização ainda for variável no português falado em Porto Alegre, ela será apenas em contexto de vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona, resultados de um estudo ainda preliminar, apresentados na sequência.

## 5.2 Resultados sobre a variável dependente 2

Os resultados da análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares por vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona (contextos /te/ e /de/), na cidade de Porto Alegre, com os dados do projeto VARSUL, dos anos 1990, foram obtidos de 1112 contextos de possível aplicação da regra, dos quais 118 não tiveram aplicação. Ressalta-se que, nesta etapa da análise, deu-se preferência para contextos de /e/ átono em sílaba final de vocábulo, onde as proporções de elevação de /e/ átono podem ser maiores do que na pauta pretônica. As proporções totais de aplicação foram as seguintes:

Gráfico 6 – Proporção total de aplicação em contextos /te/, /de/ pelo VARSUL e LínguaPOA.



Fonte: autoria própria.

Ainda em relação aos dados do acervo VARSUL, o programa computacional selecionou como significativas para a aplicação do processo de palatalização as variáveis Gênero e Faixa Etária, tendo a primeira como favorecedor o fator Masculino, com 92% de aplicação, e a segunda o fator de 20 a 39 anos, desempenhando 94% de palatalização.

Após a obtenção desses dados, procurou-se investigar se as duas variáveis tinham correlação. Para tanto, foi feita a tabulação cruzada dos dados (*crosstabs*), que mostraram aumento nas proporções de palatalização em ordem decrescente, isto é, da terceira para a primeira faixa etária.

Tabela 1: Tabulação cruzada entre as variáveis Gênero e Faixa Etária na palatalização em contextos /te/, /de/. Dados VARSUL.

FAIXA ETÁRIA	GÊNERO		Total
	Feminino	Masculino	
20-39	92%	99.2%	94.8%
40-59	96.8%	81.9%	89.5%
60+	76.6%	98.9%	85%
<b>Total</b>	87%	92.6%	89.4%

Fonte: autoria própria.

Através dos resultados apresentados pela *crosstab*, constata-se que nos anos 1990 (dados VARSUL) o processo de palatalização no contexto de [i] derivado tinha maior aplicação pelo gênero masculino na faixa etária de 60 anos ou mais e na faixa etária de 20 a 39 anos. Em relação à segunda faixa etária, de 40 a 59 anos, é constatado o gênero feminino, em que mais se aplica o processo, com 96.8%.

Em linhas gerais, esse resultado nos possibilita afirmar que a palatalização é variação na mudança em progresso e aumenta a cada nova geração. Por outro lado, os gêneros não são constantes no aumento de aplicação por decréscimo de idade, possivelmente porque o comportamento linguístico se correlacione com as práticas sociais da comunidade, que podem refletir na fala o papel de cada gênero. No entanto, o resultado deve ser tomado com cautela, já que não contempla todos os contextos de análise relevantes. Além disso, uma pesquisa sobre essas variáveis sociais e a palatalização das oclusivas alveolares se faz necessária, uma vez que a análise aqui feita, apesar de condizente com o que se espera de um estudo de variação, é ainda preliminar, isto é, necessita ser complementada com a inclusão de contextos /te/, /de/ levantados da pauta pretônica.

Quanto aos dados do LínguaPOA, os quais apresentaram quase 100% de aplicação da regra, eles nos mostram que a palatalização das oclusivas alveolares diante de vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona parece estar prestes a deixar de ser variável. Por esse motivo, não foi feita a seleção de variáveis extralinguísticas favorecedoras pelo programa

computacional de análise estatística, pois essas variáveis não são mais necessárias para difundir o processo. As variáveis linguísticas selecionadas, que apresentam resultados acima dos 99% de aplicação, atuam apenas como estímulo estrutural para 0,5% da regra ainda variável. Reforça-se, contudo, que esses resultados poderão mudar com a inclusão, na análise, de todos os contextos de /e/ átono relevantes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise em tempo real da palatalização das oclusivas alveolares diante de vogal /i/ não derivada confirmou a hipótese de que tal processo progrediu na comunidade de fala de Porto Alegre. Em relação ao outro contexto de aplicação da palatalização, diante de vogal [i] derivada de /e/ em sílaba átona, a análise foi apenas preliminar. Mesmo assim, pode-se afirmar que a palatalização das oclusivas é traço característico do português falado na capital gaúcha na comparação com comunidades do interior do estado.

Nos anos 1990, a palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre já se mostrava como regra variável com tendência à mudança. De lá para cá, o processo progrediu e, hoje, consagra-se como regra categórica do português falado na capital do Rio Grande do Sul.

Contudo, para um melhor conhecimento sobre as especificidades do processo na cidade de Porto Alegre, é necessário um estudo sobre o significado social das variáveis que incidem sobre a palatalização, uma vez que, tanto neste estudo quanto nos estudos revisados ao longo deste trabalho, foi confirmado que as pessoas mais jovens e as mulheres apresentam maior aplicação do processo, adotando as variantes inovadoras na língua.

O estudo realizado neste trabalho, sob a Teoria da Variação e Mudança, teve por objetivo, além de contribuir para os estudos variacionistas, colaborar para a descrição do português falado numa das principais cidades do sul do Brasil.

## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, Maria Bernadete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernadete; RODRIGUES, Ângela C. S. (Orgs.) *Gramática do português falado*. Volume VIII: Novos estudos descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2002.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei T. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. *Estudo & Debate*, Lajeado, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001.

BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: a implementação da palatalização de /t/ e /d/ em um falar de português brasileiro. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, [S.l.], v. 8, fev. 2011. ISSN 1980-2552. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7961>>. Acesso em: 03 jun. 2019.

BATTISTI, E. et al. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL*, Porto Alegre, v.5, n.9, p.01-29, ago. 2007. Disponível em: Acesso em: 01 mai. 2019.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto Ayjara. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 56, n. 3, 2012.

BATTISTI, Elisa; DORNELLES FILHO, Adalberto A.; LUCAS, João I.P.; BOVO, Nírive M.P. Palatalização das oclusivas alveolares e a rede social dos informantes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL*.v.5, n.9, agosto de 2007.

BATTISTI, E.; GUZZO, N. B. Palatalização das oclusivas alveolares: O caso de Chapecó. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Org.). *Português no sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p.114-140.

BISOL, L. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos: Lingüísticos e Literários*, Salvador, v.5, p.151-162, 1986.

\_\_\_\_\_. Palatalization and its variable restriction. *International Journal of Sociology of Language*, New York, n. 89, p. 107-124, 1991.

BISOL, L.; MENON, O.; TASCA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.) *Anthony Naro e a lingüística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

BISOL, L.; MONARETTO, V. N. O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem: ReVEL*, edição especial n. 13, 2016.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 9. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter (1980). *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press.

COLLISCHONN, Gisela; MONARETTO, Valéria N.O. Banco de Dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *Alfa revista de linguística*, v. 56, p. 835, 2012.

DUARTE, Igor. *A palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre (RS): análise em tempo real*. Salão de Iniciação Científica (29. : 2017 out. 16-20 : UFRGS, Porto Alegre, RS).

\_\_\_\_\_. *Análise em tempo real da palatalização de/t, d/por [i] derivado de/e/átono no português de Porto Alegre*. Salão de Iniciação Científica (30. : 2018 out. 15-19 : UFRGS, Porto Alegre, RS).

JOHNSON, D. *RBrul version. 3.4.0*. 2017.

KAMIANECKY, Fernanda. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ nas comunidades de Porto Alegre e Florianópolis: uma análise quantitativa*. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) - Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

LABOV, William (1972). *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. [Padrões Sociolinguísticos. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.]

\_\_\_\_\_. *Principles of Linguistic Change*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.



PIRES, Lisiane Buchholz. *A palatalização das oclusivas dentais em São Borja*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

R Core Team (2018) *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. R Foundation for Statistical Computing, Vienna. <https://www.R-project.org>.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. (1968). "Empirical Foundations for Theory of Language Change". In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press: 95-188. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad.: Marcos Bagno; revisão técnica: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.]